

CAMINHOS DA PESQUISA EM PRAGMÁTICA: POLIDEZ, VIOLÊNCIA E GÊNERO¹

WAYS IN PRAGMATIC RESEARCH: POLITNESS, VIOLENCE AND GENDER

Danillo da Conceição Pereira Silva²

Vivian Araújo Fontes Ribeiro³

Leilane Ramos da Silva⁴

RESUMO: Com o objetivo de ilustrar algumas perspectivas epistemológicas emergentes da pesquisa no campo dos estudos pragmáticos no Brasil, este artigo apresenta uma cartografia teórico-analítica de duas pesquisas desenvolvidas no âmbito da linha “Pragmática e Minorias Sociais”, do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade da Universidade Federal de Sergipe (Gelins/ UFS), Brasil, entre os anos de 2016 e 2018. Grosso modo, tais pesquisas revisitam questões atinentes às discussões sobre face, polidez e violência linguística, levantadas a partir da análise de eventos interacionais *online* nos quais a violência de gênero é linguisticamente praticada/disputada. Ao final do trabalho, sinalizam-se algumas problematizações que tais pesquisas ensejam oferecer ao polissêmico campo de estudos da linguagem em uso, bem como assinalamos caminhos possíveis para um pesquisa em Pragmática Linguística efetivamente social e crítica.

Palavras-chave: Pragmática; Interações *online*; Violência Linguística; Polidez; Gênero.

ABSTRACT: This article aims to discuss some epistemological perspectives of emerging facets of research in the field of pragmatic studies, especially around issues related to linguistic violence, face studies and linguistic politeness, and gender issues implied in these interactional phenomena. Therefore, we present the theoretical-analytical design of three researches developed within the Pragmatic and Social Minorities line of the Group of

¹ Artigo recebido em 19/02/2019 e aceito em 06/04/2019.

² Doutorando em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL); egresso do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins/UFS). E-mail: danillosh@gmail.com.

³ Mestra em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS); professora da rede privada de educação no município de Aracaju, Sergipe; egressa do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins/UFS). E-mail: vivianaraujofontesribeiro@gmail.com.

⁴ Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); professora do Departamento de Letras (DLEV) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Sergipe (UFS); líder do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade (Gelins/UFS). E-mail: leilane3108@gmail.com.



Studies in Language, Interaction and Society of the Federal University of Sergipe (Gelins/UFS), Brazil, between 2016 and 2019. We can point out some problematizations that these researches offer to the field of language studies in use in Brazil, as well as possible paths for a research in Linguistic Pragmatics, social and critical.

Keywords: Pragmatics; Online interactions; Linguistic Violence; Politeness; Gender.

Situando a discussão: o que se faz em/com Pragmática

Se há um truísmo quando se almeja definir o que seja a Pragmática ou o que se faz debaixo desse rótulo, ele corresponde certamente à afirmação da diversidade e da heterogeneidade de perspectivas praticadas nos domínios dos estudos que se ocupam a pensar a produção de significados a partir da linguagem em uso, na sua relação com seus usuários e contextos. Desse modo, apesar de toda essa variabilidade a que nos referimos, um liame que produz certa coesão entre as perspectivas pragmáticas é o fato de que seus objetos de estudo, práticas de linguagem reais, são sempre encaradas em função das noções de sociedade e de comunicação, excluídas do projeto de abstração originário que produziu o objeto de uma Linguística saussureana⁵, conforme discute Pinto (2012).

Assim, do ponto de vista de sua imbricação com perspectivas filosóficas, a Pragmática concebe a linguagem fora de espectros representacionistas, ou seja, guardando distância crítica de posições que a consideram uma forma de representação do mundo social ou uma expressão de representações mentais. Desse modo, pragmaticamente falando, a linguagem é encarada como uma forma de ação que, a um só tempo, produz e é produzida à/na vida social, participando de modo constitutivo da elaboração da realidade e de suas possibilidades de reprodução ou transformação. Por tais razões, essa abordagem está “interessada pelo modo como as pessoas se comunicam em sociedade e pelo modo como elas, ao fazerem isso, de fato constroem a sociedade” (MEY, 2012).

⁵ Apesar de reconhecermos os termos das correntes discussões em torno da obra de Ferdinand Saussure (FIORIN; FLORES; BARBISAN, 2013) e da fidedignidade das ideias que nos chegaram, especialmente através do Curso de Linguística Geral, aludimos aqui aos efeitos dessas ideias na formação do campo e dos objetos da Linguística.



Em função disso, apesar de em alguns trabalhos que se subscrevem na Pragmática as noções de sociedade e de comunicação serem tomadas de um ângulo menos crítico/transdisciplinar, quase sempre correspondendo a universais evocados teoricamente ou a etiquetas metodológicas, a exemplo de posições que a significam como uma extensão contígua dos níveis de análise linguística (sintaxe-semântica-pragmática), acreditamos que “a nossa fala é sempre interventora nos rumos da sociedade. E nesse sentido é também eminentemente POLÍTICA (RJAGOPALAN, no prelo)”. Ou seja, uma abordagem pragmática está centrada, com maior ou menor intensidade, a depender da orientação que se tome⁶, nas relações de constituição mútua entre a linguagem e outros elementos da vida social, buscando compreender de que modo os recursos linguísticos mobilizados por sujeitos em interação produzem significados, distanciando-se, por essa postura, de uma análise linguística de base puramente imanentista que focaliza o sistema, a língua, em subtração (abstração) dos contextos de uso, enquanto dimensões de micro e macronível, e dos sujeitos que os integram/constroem.

É justamente perseguindo esse intento que caracteriza as abordagens pragmáticas da linguagem, especialmente aquelas filiadas à perspectiva dos estudos pragmáticos interdisciplinares (PINTO, 2012), que diferentes pesquisas têm sido desenvolvidas na linha “Pragmática e Minorias Sociais” do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade da Universidade Federal de Sergipe (Gelins/UFS). Desse modo, com o objetivo de apresentar um visão panorâmica do tipo de trabalho produzido, nos últimos anos, no referido grupo e, assim, gerar uma reflexão parcial sobre caminhos possíveis para a pesquisa atual em Pragmática, nas seções que seguem, discutiremos duas pesquisas desenvolvidas, em nível de mestrado⁷, por egressos/as do grupo, entre os anos de 2016 e 2018. Na última seção deste artigo, propomos um diálogo comparativo entre as duas pesquisas, sinalizando tendências emergentes e frentes de trabalho ainda em aberto. Desejamos, com isso, além de promover a socialização dos resultados dos referidos trabalhos, prospectar possibilidades de interação com outras/os

⁶ Conforme propõe Pinto (2012), o campo dos estudos pragmáticos pode ser organizado em três orientações distintas: pragmatismo norte-americano, atos de fala e estudos pragmáticos interdisciplinares.

⁷ Ambas as pesquisas foram desenvolvidas sob orientação da professora Dra. Leilane Ramos da Silva, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS).



pesquisadoras/es e de ação com vistas a continuarmos construindo a diversidade e a potência política desse vigoroso campo dos estudos da linguagem.

Face, polidez e interações *online* sobre um caso midiático de abuso sexual

A pesquisa desenvolvida por Ribeiro (2018), intitulada “Estratégias de construção de face no ciberespaço: o assédio sexual em cena”, tem como objetivo central refletir sobre as estratégias de preservação de face, acusação e polidez linguística nas falas e nos comentários *online* sobre o caso midiático de assédio sexual que envolveu o ator José Mayer Drumond, 67 anos, e a figurinista Susllem Meneguzzi Tonani, 28 anos. Em seu trabalho, são analisados, então, o comportamento linguístico e o modo como as estratégias de construção de face se materializam nas interações sobre o caso, em espaços digitais, com o objetivo de investigar as acusações de motivação machista como modalidade de preservação das faces dos envolvidos.

Segundo apontam os estudos de Erving Goffman, o conceito de face pode ser entendido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um determinado contato. A face é a imagem da pessoa delineada em termos de atributos sociais aprovados” (GOFFMAN, 1980, p. 76-77). Sendo assim, para manter a harmonia nas relações sociais mediadas pela linguagem, é importante que os interlocutores sejam discretos e solidários, já que os indivíduos, em boa parte das situações comunicativas, têm o desejo de construir uma imagem positiva de si. Segundo Goffman, o sujeito projeta uma imagem de si através de atos verbais e não verbais, e esta está sujeita a rupturas.

Conforme tais perspectivas, a autoimagem do indivíduo é definida a partir da imagem que o outro faz dele. Para manter a própria face, é preciso não agredir a do outro, manifestando consideração através de práticas protetoras da imagem projetada por aquele com quem se interage. Dessa forma, em contextos interacionais regidos por princípios cooperativos⁸, os

⁸ Vale ressaltar, aqui, a exemplo da pesquisa em Nova Pragmática desenvolvida por Silva (2017) e apresentada na seção posterior, que, segundo argumentam perspectivas de uma Pragmática praticada nas periferias do capitalismo global, nem todos os contextos interacionais são eminentemente cooperativos, haja vista a assimetria na distribuição de recursos semióticos (o que contingencia o acesso dos usuários a tais recursos) e as desigualdades, disputas, lutas sociais e



interlocutores preservam suas faces; a essa preservação chamamos de trabalho da face, ou seja, “ações tomadas por uma pessoa para tornar o que quer que esteja fazendo consistente com a face. O trabalho de face [*face-work*] serve para neutralizar, isto é, minimizar eventos cujas implicações simbólicas efetivas ameaçam a face (GOFFMAN, 1967 [1955], p. 12, tradução nossa). Cada cultura apresenta seu próprio repertório característico de práticas linguísticas que podem funcionar para projetar e salvar a face, uma vez que as regras interacionais estão sempre complexamente encaixadas em molduras sociais e históricas que dialeticamente as modelam e são por ela modeladas.

Na Pragmática, a polidez é vista como um comportamento linguístico utilizado pelo falante para minimizar os riscos da comunicação e torná-la mais harmoniosa possível, sendo associada, assim, a um comportamento político (WATTS, 2003). No entanto, não é tão fácil definir o que seja um comportamento polido ou não. As descrições desses comportamentos e expressões, da mesma forma que os valores atribuídos a eles, variam de cultura para cultura. Há uma grande variedade de modelos teóricos de polidez. Depois que Lakoff (1973), Leech (1983) e Brown e Levinson (1987 [1978]) a inseriram na área das investigações da pragmática, muitas pesquisas empíricas sobre esse fenômeno foram feitas.

Diante da grande quantidade de estudos feitos sobre a polidez, o foco da pesquisa desenvolvida por Ribeiro (2007) recaiu sobre o modelo proposto por Brown e Levinson (1987 [1978]), considerando também as reformulações propostas por Kerbrat-Orecchioni (2004; 2006). Conforme destaca Kerbrat-Orecchioni (2006), o modelo de polidez elaborado por Brown e Levinson (1987 [1978]) é o mais sofisticado, produtivo e célebre, especialmente devido à sua originalidade em cruzar Searle (1969) e Goffman (1967 [1955]), quer dizer, em “reciclar” a noção do ato de fala, examinando-os segundo os efeitos que eles podem ter sobre a imagem social projetada daqueles que interagem, a face, tornando essa noção apta a servir de base para uma teorização linguística inovadora em torno do fenômeno da polidez.

violências em curso nas sociedades contemporâneas, especialmente naquelas construídas sob a égide de processos de colonização. Para uma discussão mais detida sobre os efeitos epistemológicos e políticos da adoção irrestrita dos princípios de uma pragmática de base liberal, construída a partir de perspectivas anglo-saxãs, em pesquisas desenvolvidas no sul global, ver Alencar e Ferreira (2016) e Silva (2017b).



Além disso, Brown e Levinson (1987 [1978]) tomam como base o Princípio de Cooperação de Grice, pois reconhecem, segundo sua perspectiva de Pragmática, a racionalidade e a eficiência comunicativa como pressupostos nas interações verbais. Esses autores observam que, algumas vezes, os falantes não produzem as conversações com eficiência, pois a maior eficiência comunicativa pode pôr em risco a relação com o interlocutor. Para eles, a face corresponde a duas necessidades básicas ou desejos que todos têm, por isso tem dois lados. O primeiro é a face positiva, que está relacionada à autoimagem do indivíduo, representa o desejo do ser humano de ser aprovado e admirado. O segundo é a face negativa, a qual está relacionada à autopreservação, representa o desejo de uma pessoa de preservar o espaço pessoal e de ter sua liberdade de ação. Como as interações dessas duas faces são perigosas, os autores denominam esses atos de *Face Threatening Acts* – FTAs (Atos Ameaçadores à Face). De acordo com os autores, os FTAs podem ser divididos em quatro categorias, sendo cada uma dessas definida a partir do tipo de face que ameaça em relação às posições interacionais de falante e ouvinte.

Em face de tais perspectivas pragmáticas sobre as práticas comunicativas e lançando mão de uma metodologia de pesquisa de base qualitativa, exploratória e interpretativista, Ribeiro (2018) trabalha com um *corpus* formado por duas notas de esclarecimento, de autoria do acusado e da vítima, e por 42 comentários *online* de leitores/as de duas matérias jornalísticas veiculadas nos *sites* de notícias *G1*⁹ e *Folha de São Paulo*¹⁰. Tais matérias foram publicadas nos dias 31 de março e 04 de abril de 2017, respectivamente, e ambas tratavam, como já aludido, do caso da acusação do ator José Mayer Drumond, 67 anos, de assédio sexual pela figurinista Suslem Meneguzzi Tonani, 28 anos, durante as gravações da novela *A Lei do Amor* da TV Globo, no dia 31 de março de 2017. Pode-se constatar que as matérias dos sites de notícia rapidamente veicularam a informação, chegando a viralizar na internet e a alcançar números expressivos nos sites de busca (41.400 resultados em 0,61 segundos de busca no *Google*).

⁹ Disponível em: [<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/figurinista-diz-a-policia-que-nao-vai-processar-jose-mayer.ghml>]. Acesso em: ago. 2017.

¹⁰ Disponível em: [<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/03/1871543-jose-mayer-da-globo-e-acusado-de-assedio-por-figurinista-ator-nega.shtml>]. Acesso em ago. de 2017.



A análise do *corpus* constituído na pesquisa voltou-se para a compreensão dos seguintes questionamentos: i) As matérias jornalísticas sobre o referido fato veiculam efeitos polidos? ii) Os discursos dos jornalistas, de José Mayer, de Suslem Tonanai e das pessoas que comentaram veiculam também efeitos polidos? iii) Como são estruturados esses efeitos? iv) Como o ator José Mayer utilizou as estratégias de polidez para efetivar sua nota de esclarecimento e manter a imagem de si diante de uma polêmica? v) Até que ponto o leitores das matérias que fizeram comentários *online* conseguem conciliar harmonicamente a preservação de si e o respeito ao outro?

A partir das análises realizadas, Ribeiro (2018) verifica que, no que se refere aos depoimentos, a figurinista Suslem Tonani faz uso de atos ameaçadores em relação à imagem do ator, mas também afeta sua imagem e das mulheres, deixando sua própria imagem aberta. Já o ator José Mayer tem a cautela de não ameaçar a imagem da figurinista e tem como principal objetivo preservar e recuperar sua própria imagem. Desse modo, ela utiliza mais estratégias de acusação de imagem e ele utiliza mais estratégias de preservação de imagem.

Assim, a referida pesquisa constatou que, nas situações interacionais analisadas, a polidez tem como papel regular a interação comunicativa, fazendo o uso de estratégias/mecanismos com a finalidade de atenuar ou evitar as tensões nas interações, servindo tais aspectos como balizadores entre a distância social e a intenção do locutor, bem como da imagem social que os locutores apresentam para um público específico, a qual necessita ser preservada e mantida de acordo com as intenções persuasivas demandadas.

Com relação aos comentários, Ribeiro (2018) constata que os interactantes se sentiram mais à vontade por causa do anonimato e fizeram seus julgamentos das imagens que os próprios envolvidos projetaram a partir dos depoimentos. Entre os 42 comentários selecionados, em um universo de 402, temos a seguinte categorização possível: 10 comentários preservaram a face da mulher assediada; 14 comentários acusaram a mulher; 5 comentários preservaram a face do homem agressor, 7 comentários acusaram o homem, 2 comentários concordaram com a emissora e 4 comentários acusaram a emissora. Dentro dessa classificação, os comentários que preservaram a imagem do homem são todos do site *G1*.



Tais características, ao lado de outras, mostram que os perfis de comentadores no site *G1* fazem mais julgamentos e buscam justificativas para defender o ator (o homem acusado de assédio) e acusar a figurinista (a mulher assediada); em contrapartida, os perfis dos comentários feitos no site *Folha de São Paulo* mostram interesse em averiguar o caso como realmente aconteceu. Desse modo, verifica-se um comportamento diferenciado no uso de estratégias de preservação de face entre a acusadora, o acusado e os comentadores, estes últimos anônimos, com as especificidades de cada um e as finalidades que se propõem em cada texto, na medida em que há uma relação de diferenças sociais, de gênero e de opinião.

Conforme aponta a pesquisadora, o estudo relatado conseguiu oferecer respostas relativamente satisfatórias às questões que levantou, a partir da perspectiva teórica adotada e das correlações e análises realizadas. É fato que o percurso investigativo nos impõe escolhas teóricas e metodológicas que determinam o privilégio de certos aspectos do fenômeno investigado, em detrimento de outros, não havendo, assim, ponto de vista absoluto.

Violência linguística e transfobia em comentários *online*: desdobramentos da Teoria dos Atos de Fala

A pesquisa desenvolvida por Silva (2017) parte da consideração da atual realidade brasileira, complexificada pela desigual distribuição de bens econômicos, socioculturais e políticos, na qual a problemática da violência de gênero ganha particular relevo, inclusive no que tange às dinâmicas de produção e de subalternização de determinadas performances identitárias. Assim, como consequência dos ditames de um modelo social patriarcal e machista, formas de vida não conformes com a matriz de gênero binária e cisnormativa vigente são relegadas a uma condição abjeta, vitimadas pela transfobia, flagelo este que, segundo relatório da ONG *Transgender Europe* (2016), coloca o Brasil como o país líder em assassinatos de pessoas trans no mundo. Sem sombra de dúvida, a linguagem, enquanto prática social situada, assume papel particular neste panorama.

A premissa originalmente apresentada, a de que a linguagem pode fazer coisas, está na base de boa parte das teorias pragmáticas e discursivas dos estudos da linguagem, de modo mais ou menos pacífico, mais ou menos explícito. Tal premissa está também em filosofias e estudos de gênero como



os de Jacques Derrida (1991) e de Judith Butler (1997; 2003), respectivamente. Nesse sentido, Silva (2017) argumenta que, em face dos interesses de estudiosos/as das linguísticas, investigadores/as da linguagem-em-uso em situações sociais concretas, a exemplo de pragmatistas, tornam salientes outros ângulos da questão: de que modo, em quais condições e por meio de quais processos linguístico-discursivos um ato de fala pode fazer algo? Como um ato de fala pode realizar a transfobia? Foi sob o influxo de tais desdobramentos que a referida pesquisa foi delineada.

Partindo das premissas dos estudos dos atos de fala, como originalmente teorizado por Austin (1962), chegamos aos estudos atuais da nova pragmática (RAJAGOPALAN, 2010; SILVA; FERREIRA; ALENCAR, 2014), os quais centram suas preocupações na noção de performatividade como característica principal da linguagem, a qual é tomada como prática social que tanto reflete quanto refrata o feixe complexo de condições históricas, socioculturais e ideológicas próprias da situação espaço-temporal situada na qual ela é posta em uso. Desse prisma, no trabalho teórico-analítico da pesquisa, foram perseguidas as relações entre o potencial performativo da linguagem e a questão da violência, especialmente daquela violência praticada contra pessoas trans, na e pela linguagem, produzindo assim a violência linguística, ou seja, o efeito gerado por atos de fala que visam a ferir e subalternizar o outro, posicionando-o – “especialmente aquele que representa a raça, o gênero, a sexualidade que não se quer habitar – num lugar vulnerável que acaba por insultar, injuriar ou violar a sua condição” (SILVA; ALENCAR, 2013, p. 135).

Diante disso, em diálogo com os Estudos de Gênero, em sua perspectiva pós-estruturalista e *queer* (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 1997, 2003; LOURO, 2000; BENTO, 2006; BORBA; OSTERNANN, 2007, 2008), o objetivo geral da pesquisa consistiu em ampliar os desdobramentos teórico-analíticos emergentes nos estudos da linguagem, em perspectiva crítica, no que tange à violência linguística (SILVA; ALENCAR, 2014) de motivação transfóbica, performativizada, no ciberespaço, graças à força ilocucionária de atos de fala que se realizam sob determinadas formas rituais, mediante a atualização e o (re) estabelecimento de contextos específicos (DURANTI; GOODWIN, 1992; SILVESTREIN, 1993; HANKS, 2008).

A fim de encaminhar tal proposta, foram assumidas perspectivas pragmáticas de linguagem, advindas tanto da filosofia da linguagem (AUSTIN,



1990 [1962]; WITTGENSTEIN, 1975; DERRIDA, 1991, 1991b; BUTLER, 1997), quanto da nova pragmática. Grosso modo, conforme discute Silva (2017), a nova pragmática se caracteriza pelo retorno crítico ao pensamento de Austin (1962) sobre os atos de fala, distanciando-se de leituras formalizantes e totalizantes, a exemplo das desenvolvidas por Searle (1969) e seus seguidores, para reafirmar uma leitura radical da ideia de performatividade, ou seja, da dimensão acional da linguagem, abrindo-a para diálogos com perspectivas críticas contemporâneas da filosofia e das ciências sociais sobre as questões relativas às noções de sujeito e de sociedade e da miríade de problemáticas advindas dessas relações nas variadas situações interacionais e contextos de uso.

O percurso de investigação, o *corpus* produzido no referido estudo diz respeito a atos de fala transfóbicos realizados no ciberespaço, presentes em 17 comentários *online* postados no site de notícias *G1*, entre os meses de junho de 2015 e junho de 2016, em três matérias jornalísticas relacionadas à encenação da atriz e modelo transexual Viviany Belleboni, durante a 19ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Brasil. Apesar das declarações dadas na mídia acerca do objetivo da encenação, a crucificação representada pela atriz com vistas a denunciar metaforicamente as violências diárias às quais a população LGBT é submetida foi interpretada por grupos fundamentalistas religiosos e setores conservadores da política brasileira como um atentado à fé, um ato de vilipêndio a símbolos sagrados do cristianismo¹¹. Tal situação, então, esteve em disputa por diferentes regimes de contextualização, em interações de diferentes naturezas, nos mais variados espaços de interação.

Baseando-se numa metodologia qualitativa, interpretativa e exploratória, Silva (2017) aciona a noção de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998 [1982]), a fim de responder às seguintes perguntas de pesquisa: i) Sob que formas rituais e convencionais se realiza a violência

11 À época do ocorrido, a Associação das Igrejas Evangélicas de São Paulo prestou uma denúncia junto ao Ministério Público, na qual Viviany Belleboni é acusada de ter infringido o artigo 208 do Código Penal brasileiro, o qual versa sobre escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso. Além de ação judicial, a performance da atriz foi alvo de notas de repúdio e pronunciamentos condenatórios de líderes confessionais e de organizações religiosas, em diferentes espaços, a exemplo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).



linguística motivada pela transfobia? ii) Que contextos são (re) instaurados para conferir força ilocucionária a esse tipo específico de ato de fala violento? iii) Que posições contextuais agressores e vítimas são interpelados a ocuparem nesses contextos linguísticos violentos?

Nesse sentido, as concepções de contexto advindas da Linguística Antropológica e da Sociolinguística Interacional foram tomadas como um encaminhamento teórico que tornaria viável um percurso analítico satisfatório para responder a tais perguntas, uma vez que estas poderiam fornecer um instrumental metodológico e analítico que subsidiasse o trato com a materialidade linguístico-discursiva dos atos de fala transfóbicos presentes nos comentários, sem excetuar sua relação intrínseca com elementos comumente reconhecidos, em teorizações linguísticas tradicionais dualistas, como “não-linguísticos”.

Assim, tomando as noções de contexto como um evento produzido no curso da interação como em Duranti e Goodwin (1992), de processos de contextualização conforme Hanks (2008), a ideia de pistas de contextualização em Gumperz (1998 [1982]) e de indexicalidade de Silvestre (1993), foi assumida uma visão integracionista de contexto, na qual este é visto como um todo complexo, construído durante o curso da interação, mediante a integração de construtos mais estáveis, sócio-históricos e ideologicamente estabelecidos. Dessa visada, passou-se a pensar em *continuum* de contextualização, nos quais os contextos de micro e de macronível são integrados mediante o trabalho interacional na produção de pistas que realizam processos de contextualização, os quais ocorrem graças ao potencial indexical do qual os signos em uso são dotados.

Mediante tal articulação, a geração e a interpretação de dados feitas a partir do *corpus* foram descritas, do ponto de vista da análise pragmática dos atos de fala transfóbicos identificados nos comentários *online*, com base na seguinte categorias de análise: a) escolhas lexicais nos processos de designação, (re) nomeação e adjetivação; b) escolhas sintático-semânticas nos processos de predicação; c) escolhas de estilo e marcas conversacionais; d) escolhas textuais-discursivas em processos de intertextualidade e de interdiscursividade. Tais categorias foram constituídas com vistas a evidenciar os procedimentos linguístico-discursivos em funcionamento na produção da violência transfóbica na linguagem.



Assim, os resultados obtidos pelas análises da investigação apontaram, grosso modo, para o reestabelecimento de contextos violentos, dos quais emerge a força ilocucionária dos atos de fala transfóbicos, capazes de subalternizar e ferir pessoas trans por meio da linguagem, relativos aos contextos socioculturais nos quais a rígida matriz de gênero cisheteronormativa é gestada. Ou seja, as pistas de contextualização em funcionamento nos comentários *online* analisados indexam sentidos relacionados: às condições antropológicas e sociais abjetas às quais as populações trans são relegadas; à religião cristã e suas narrativas, que visam docilizar e disciplinarizar indivíduos, produzindo, assim, corpos e sujeitos dóceis; aos poderes-saberes médico-científicos e seus efeitos de verdade produzidos sobre crenças biologicistas da relação entre corpo e identidade; aos dispositivos de colonialidade e normatização em funcionamento na transfobia; e às fronteiras tênues entre a violência perpetrada fisicamente e aquela desempenhada na linguagem, produzindo o que denominamos *continuum* das violências.

Tendo em vista o percurso teórico e analítico empreendido, julgamos que a pesquisa de Silva (2017) foi produtiva, mormente no que se refere ao desvelamento dos mecanismos (meta)pragmáticos em funcionamento no (re)estabelecimento de contextos indexados pelas pistas de contextualização, em funcionamento nos atos de fala transfóbicos que compuseram os dados interacionais analisados. Ademais, podemos considerar os objetivos desta pesquisa atingidos, uma vez que o trabalho realizado nos permitiu ampliar os desdobramentos teóricos emergentes na interface Estudos de Gênero/Estudos da Linguagem, em perspectiva performativa, sobretudo no que diz respeito a uma maior clareza na compreensão do modo (linguístico-discursivo) pelo qual a linguagem pode realizar a violência.

Palavras finais: caminhos, movimentos e políticas em pragmática

Como podemos perceber, enquanto na pesquisa de Silva (2017) as opções epistemológicas efetuadas para a compreensão dos eventos linguísticos analisados se afastam de algumas teorizações clássicas da pragmática linguística anglófona, replicada no Brasil, justamente na busca por produzir desenvolvimentos outros para o campo via diálogos



transdisciplinares, a pesquisa de Ribeiro (2018) se engaja com construtos teórico-analíticos caros aos estudos pragmáticos, com produtividade largamente demonstrada em trabalhos da área, almejando oferecer novas aplicações para estes, haja vista o caráter diversificado das práticas de linguagem investigadas. Levando em consideração essas diferentes formas de relação com a tradição dos estudos pragmáticos, seja pelo distanciamento crítico ou pela aproximação explanatória, pensamos que replicação e rasura podem ser palavras-chaves para os modos emergentes de fazer pragmática hoje.

Nesse sentido, duas diferenças de ênfase entre os trabalhos aqui discutidos podem, ainda, ilustrar implicações das palavras-chave há pouco referidas, especialmente no que diz respeito à observação das relações de poder (e suas disputas) implicadas nas interações linguísticas. De um lado, na proposta de Silva (2017), vemos uma perspectiva que se inscreve em abordagens que questionam a universalidade da harmonia e da atividade colaborativa desempenhada por sujeitos engajados em práticas de linguagem – segundo o proposto pelo Princípio da Cooperação (GRICE, 1982 [1967]) –, argumentando justamente em torno da premência de contextos nos quais parece ser a desarmonia, a não colaboratividade, a desconsideração do trabalho de face do outro e do próprio, em última instância, a violência, a regra conversacional vigente, como mostram os casos de violência linguística produzida pelos efeitos de atos de fala que, reestabelecendo contextos injuriosos, produzem a transfobia. De outro lado, conforme sustenta Ribeiro (2018), o trabalho de face (GOFFMAN, 1980) e as estratégias de polidez (BROWN; LEVINSON, 1978), em muito tributárias das ideias de Grice sobre a cooperação, são validadas com vistas a compreender de que modo, em interações nas quais sujeitos deliberam sobre um caso de violência de gênero, o trabalho de figuração e os efeitos de polidez escamoteiam ou expõem modos socialmente compartilhados de significar as experiências de gênero, em função de sua relação com uma cultura sexista e machista.

Assim, apesar das diferenças flagrantes das orientações escolhidas nas pesquisas relatadas neste artigo, o que parece reforçar a tendência histórica do caráter multifacetado da abordagem dos estudos da linguagem em que se inserem, pontos de convergência também podem ser identificados entre ambos os trabalhos. Um deles, certamente, corresponde ao esforço analítico de compreensão de práticas interacionais travadas em ambientes



digitais. Tal opção vem ao encontro da demanda crescente de propostas de pesquisa que se debruçam sobre práticas de linguagem *online*, especialmente justificadas pela multiplicidade de recursos de linguagens disponíveis para a produção significados em interações digitalmente mediadas e pelo impacto da efervescente proliferação de Tecnologias Digitais da Comunicação e da Informação na sociabilidade humana. Daí podermos assinalar que as trocas interacionais em curso em espaços públicos virtuais e sua intrincada relação com os modos de produção de significados sociais compartilhados/disputados nesse ambientes são campo aberto para novas pesquisas, desde uma visada pragmática.

Para além dessas características, podemos salientar, ainda, como marcante nas pesquisas aqui discutidas, a preocupação com o desenvolvimento de uma investigação que ofereça reflexões sobre as dimensões linguísticas de problemas sociais de forte apelo nas pautas dos ativismos políticos e das movimentos históricos de afirmação de direitos humanos, o que, certamente, dialoga com a subjetividade daqueles/as que as desenvolveram. De forma específica e, por diferentes prismas, os trabalhos de Silva (2017) e Ribeiro (2018) tocam o aspecto relativo à produção e à circulação de sentidos sobre desigualdades e violências de gênero, colocando como plano de fundo das análises pragmáticas empreendidas, no primeiro caso, o problema da violência linguística de motivação transfóbica e, no segundo, das assimetrias de gênero entre homens e mulheres trazidas à tona pelo caso de assédio sexual disputado nas interações analisadas. Tais fatos sugerem a importância de abordagens que levem em consideração as implicações éticas dos eventos linguísticos tomados como objetos de estudo, bem como as consequências políticas desses eventos e do conhecimento construído sobre eles.

De modo genérico e, por isso, sem pretensões totalizantes ou universalizantes, acreditamos que um horizonte possível para as pesquisas no campo dos estudos pragmáticos, a exemplo do que sugerem aquelas desenvolvidas na linha “Pragmática e Minorias Sociais” do Gelins/UFS, está pautado na proposição de uma relação crítica com a tradição teórico-analítica do campo, tensionando, dessa forma, modos cristalizados e sacralizados (RAJAGOPALAN, 2010) de leitura das teorizações, das metodologias, dos problemas de pesquisa e das posturas éticas, epistêmicas e ontológicas que historicamente têm caracterizado a abordagem em questão.



Assim, parece ser o caso de uma pesquisa que caminha sob um movimento duplo: por um lado, reconhecer a relevância da produção já sedimentada e suas possibilidades explanatórias e, por outro, encontrar nas suas limitações e necessidades de reconsideração crítica, especialmente frente às especificidades das linguagens, dos sujeitos e dos contextos presentes, local e temporalmente, espaços para a emergência de novos paradigmas e perspectivas, reconhecendo, sobremaneira, a demanda transdisciplinar que a pesquisa sobre a linguagem em uso reclama e as descrições das contingências sociais e seus modos de funcionamento. Certamente, não se trata de um movimento esvaziado de consequências e disputas políticas, pois, ao contrário do que sustenta essa perspectiva ingênua, validada inclusive em algumas abordagens deste campo, pragmática e política estão completamente implicadas.

Referências

- ALENCAR, C. N. FERREIRA, D. M. M. Rajagopalan interpretando Austin: descolonialidades na nova pragmática do hemisfério sul. **Delta**, n. 32, v. 3, p. 613-632, 2016.
- AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BENTO, B. **A (re)invenção da transexualidade**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BORBA, R.; OSTERMANN, A. C. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Estudos Feministas**, v. 16, p. 409-432, 2008.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness**: some universals in language use. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. **Excitable speech**: a politics of the performative. London: Routledge, 1997.
- DERRIDA, J. **Limited Inc**. Campinas: Papirus, 1991.
- DURANTI, A.; GOODWIN, C. **Rethinking context**. Language as an interactive phenomenon. Studies in the social and cultural foundations of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.



FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. B. **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOFFMAN, E. **A elaboração da face**: uma análise dos elementos rituais na interação social. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior. New York: Pantheon Books, 1967[1955], p. 5-45.

GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.) **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre: Age, 1998 [1982], p. 149-182.

HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

KERBRART-ORECCHIONI, C. **Análise da conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

LAKOFF, R. **The logic of politeness**: or, Minding your P's and Q's. Papers from the Ninthe Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 1973.

LEECH, G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MEY, J. Pragmática, sociedade (e a alma), uma entrevista com Jacob Mey. **Delta**, v. 30, n. 1, p. 161-179. 2012. Entrevista concedida a Daniel do Nascimento e Silva.

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2012, p. 55-80.

RJAGOPALAN, K. Linguagem, sociedade e política: um diálogo com Kanavillil Rajagopalan sobre a Nova Pragmática. **Polifonia**, no prelo. Entrevista concedida a Danillo da Conceição Pereira Silva.

_____. **Nova pragmática**: fases e feições de um fazer. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RIBEIRO, V. A. F. **Estratégias de construção de face no ciberespaço: o assédio sexual em cena**. 2018. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.



SEARLE, J. **Speech acts**: an essay in the philosophy of language. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SILVA, D. C. P. **Atos de fala transfóbicos no ciberespaço: uma análise pragmática da violência linguística**. 2017. 200f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SILVA, D. N. Investigating violence in language: an introduction. In: SILVA, D. N. **Language and violence**: pragmatic perspectives (org.). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017b, p. 1-28.

_____.; ALENCAR, C. N. A propósito da violência na linguagem. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 55, n. 2, p. 129-146, 2013.

_____.; ALENCAR, C. N.; FERREIRA, D. M. M. **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVESTREIN, M. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, J. (org.) **Reflexive language**: reported speech and metapragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 33-58.

WHATTS, R. J. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

